



Existe uma imagem cristã que, para muitos ocidentais, parece estranha.

Cristo aparece glorioso, revestido de luz, no centro de uma cena escura. Não está simplesmente saindo de um sepulcro. Ele desce às profundezas da morte. Sob os seus pés encontram-se portas quebradas, despedaçadas e cruzadas. Ao seu redor estão Adão e Eva, os patriarcas e os justos do Antigo Testamento.

Cristo toma Adão pela mão e o levanta.

Esta imagem é conhecida pelo nome de **Anástasis**.

E talvez seja uma das representações mais profundas de todo o mistério cristão.

A palavra grega *anástasis* significa precisamente **levantar-se, erguer-se, ressurreição**. Na tradição cristã oriental, a imagem da Anástasis não representa apenas o momento exterior da Ressurreição, mas mostra algo ainda mais profundo: **Cristo desce ao reino dos mortos para libertar os justos e manifestar a sua vitória sobre a morte**.

É uma imagem que nos recorda algo que o nosso tempo precisa ouvir novamente: **Cristo não veio simplesmente para melhorar a nossa vida. Veio para vencer aquilo que nenhum homem pode vencer pelas suas próprias forças: o pecado, a morte e o poder de Satanás**.

1. O que significa realmente Anástasis?

Quando os cristãos recitam o Credo, professamos algo que pode facilmente passar despercebido:

«*Desceu aos infernos; ao terceiro dia ressuscitou dos mortos.*»

A expressão «desceu aos infernos» pode deixar perplexo o homem moderno.

Significa acaso que Jesus Cristo desceu ao inferno dos condenados?



Não.

A doutrina católica distingue cuidadosamente entre o inferno da condenação e o **reino dos mortos**, chamado *Sheol* em hebraico e *Hades* em grego.

O Catecismo ensina que Cristo morreu verdadeiramente e que a sua alma humana, inseparavelmente unida à sua Pessoa divina, desceu ao lugar dos mortos. Ali encontravam-se os justos que haviam morrido antes da vinda do Redentor e que aguardavam o cumprimento da obra da salvação.

A Anástasis não representa, portanto, Cristo descendo ao inferno para libertar os condenados.

Representa o **Senhor que entra no domínio da morte como vencedor**.

Cristo não é uma vítima prisioneira da morte.

É o Senhor que entra voluntariamente nela.

E, ao entrar, destrói-a desde dentro.

2. O mistério do Sábado Santo

Para compreender a Anástasis, devemos deter-nos num dos dias mais misteriosos do calendário cristão: **o Sábado Santo**.

Jesus está morto.

O seu corpo jaz no sepulcro.

Os discípulos estão desorientados.

Tudo parece terminado.

Mas precisamente nesse momento está acontecendo algo que os olhos humanos não podem ver.

O corpo de Cristo permanece no sepulcro, enquanto a sua alma humana desce ao reino dos



mortos.

O Catecismo chama ao estado de Cristo morto «o mistério do sepulcro e da sua descida aos infernos» e relaciona esse momento com o grande silêncio do Sábado Santo.

É uma verdade espiritualmente impressionante.

Quando Deus parece calar-se, Deus está agindo.

Enquanto Jerusalém acredita que tudo terminou, a obra da Redenção alcança uma profundidade inimaginável.

Enquanto o mundo vê apenas um cadáver, Cristo entra no domínio da morte.

A liturgia tradicional conserva com grande força este sentido do mistério.

O Sábado Santo não é simplesmente uma pausa entre a Sexta-Feira Santa e o Domingo de Páscoa.

É o dia do grande silêncio.

Cristo morreu verdadeiramente.

E precisamente porque morreu verdadeiramente, pode verdadeiramente vencer a morte.

3. Cristo toma Adão pela mão

Aqui encontramos um dos detalhes mais belos da iconografia da Anástasis.

Cristo não aparece simplesmente de pé.

Ele levanta Adão.

Adão representa toda a humanidade.

O primeiro homem caiu.

Cristo, o novo Adão, vem para levantá-lo.



São Paulo estabelece precisamente esta relação quando ensina:

«Assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão
vivificados em Cristo.»
(1 Coríntios 15,22)

A cena é teologicamente perfeita.

Adão foi criado para a vida.

O pecado introduziu a morte.

Cristo entra na morte.

E da morte levanta o homem.

A mão de Cristo estendida para Adão é, portanto, uma representação visual de toda a história da salvação.

Deus não abandona o homem caído.

Vai à sua procura.

A tradição cristã expressou esta ideia com extraordinária força poética: Cristo desce às profundezas para procurar o primeiro homem como o pastor procura a ovelha perdida. O próprio Catecismo conserva uma antiga homilia do Sábado Santo na qual Cristo parece dizer a Adão que desperte, porque Ele é a Vida dos mortos.

É uma imagem que deveria comover-nos.

Porque Adão somos nós.



4. A morte não pode reter Cristo

Na Anástasis existe algo particularmente importante: **Cristo não sai simplesmente da morte; quebra as suas portas.**

Em muitas representações, as portas do Hades aparecem despedaçadas sob os seus pés.

É uma imagem teológica.

A morte parecia uma prisão.

Mas quando Cristo entra, a morte já não é capaz de reter o Autor da vida.

O Apocalipse coloca nos lábios de Jesus Cristo estas palavras impressionantes:

«*Estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e dos infernos.*»
(Apocalipse 1,18)

As chaves.

São o símbolo da autoridade.

Cristo possui as chaves porque **a morte já não tem a última palavra.**

O Catecismo explica que Cristo, ao descer às profundezas da morte, venceu aquele que tinha o poder da morte e libertou aqueles que estavam submetidos à escravidão do medo da morte.

Isto muda radicalmente a perspectiva cristã.

O cristianismo não ensina simplesmente que devemos resignar-nos a morrer.

Ensina que **a morte foi vencida por Cristo.**



5. «Foi anunciar aos espíritos que estavam na prisão»

A Sagrada Escritura também contém uma passagem misteriosa que alimentou a reflexão cristã durante séculos.

São Pedro diz:

«Cristo morreu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para vos conduzir a Deus; morto segundo a carne, mas vivificado segundo o Espírito. Foi então também aos espíritos em prisão que proclamou a mensagem.»

(1 Pedro 3,18-19)

Esta passagem foi objeto de diferentes interpretações teológicas.

Para a doutrina católica, é fundamental que ela exprima a realidade da ação salvadora de Cristo depois da sua morte e antes da sua gloriosa Ressurreição. O Catecismo interpreta esta descida como parte do cumprimento da missão redentora de Cristo e explica que as almas justas que aguardavam o Redentor foram libertadas.

Não estamos diante de uma espécie de «segunda oportunidade» para os condenados.

A Igreja ensina explicitamente que Cristo **não desceu aos infernos para libertar os condenados nem para abolir o inferno da condenação.**

A Anástasis mostra, portanto, a perfeita continuidade da missão de Cristo.

Desde o nascimento até à Cruz.

Da Cruz ao sepulcro.

Do sepulcro ao reino dos mortos.

E da morte à Ressurreição.

Tudo pertence a um único mistério da salvação.



6. A Anástasis e a Ressurreição não são dois acontecimentos separados

Aqui encontramos uma questão teológica importante.

A Anástasis está intimamente ligada à Ressurreição, mas não deve ser simplesmente identificada com ela.

A Ressurreição significa que Cristo **ressuscitou corporalmente dos mortos**.

A descida aos infernos significa que Cristo, depois de experimentar verdadeiramente a morte, desceu ao reino dos mortos.

Ambas as realidades pertencem ao único Mistério Pascal.

O Catecismo afirma que a Ressurreição é a verdade culminante da nossa fé em Cristo e que foi vivida pela primeira comunidade cristã como o centro da pregação apostólica.

São Paulo exprime-o com extraordinária clareza:

«E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé.»
(1 Coríntios 15,17)

A fé cristã não se baseia numa metáfora sobre a esperança.

Baseia-se num acontecimento.

Cristo morreu.

Cristo foi sepultado.

Cristo desceu entre os mortos.

Cristo ressuscitou.



E Cristo vive.

7. Uma imagem que explica a verdadeira condição do homem

A Anástasis contém também uma antropologia profundamente cristã.

O homem moderno fala frequentemente de liberdade como se ela consistisse em poder fazer absolutamente tudo aquilo que deseja.

Mas a Revelação cristã mostra-nos outra realidade.

O homem foi criado para Deus.

O pecado torna-o escravo.

A morte aparece como consequência do pecado.

E o homem precisa de um Salvador.

Por isso a figura de Adão é tão importante.

Adão não salva a si mesmo.

É Cristo quem o levanta.

Esta verdade contradiz uma das grandes ilusões da cultura contemporânea: a ideia de que podemos salvar-nos a nós mesmos.

Não podemos.

Podemos realizar progressos tecnológicos.

Podemos acumular conhecimentos.

Podemos prolongar a vida.

Podemos construir cidades extraordinárias.



Podemos comunicar instantaneamente com qualquer parte do planeta.

Mas continuamos mortais.

Continuamos a precisar de conversão.

Continuamos a precisar da graça.

Continuamos a precisar de Cristo.

8. A Anástasis diante de uma cultura que se esqueceu da morte

Vivemos numa sociedade que procura esconder a morte.

Fala-se pouco dela.

Mantém-se afastada da vida cotidiana.

Procura-se tornar a velhice invisível.

Evita-se até pronunciar determinadas palavras.

Mas a morte continua a chegar.

E, quando chega, todas as seguranças humanas revelam os seus limites.

A Anástasis não procura negar esta realidade.

Faz exatamente o contrário.

Olha-a de frente.

Cristo entra na morte.

Não a evita.

Não a embeleza.



Não a relativiza.

Atravessa-a.

E vence-a.

Esta é uma das razões pelas quais a mensagem cristã permanece radicalmente atual.

O homem contemporâneo precisa de redescobrir uma sã doutrina das realidades últimas: morte, juízo, céu e inferno.

Não para viver obcecado pelo medo.

Mas para viver responsabilmente.

A existência tem um destino eterno.

Cada ato conta.

Cada pecado conta.

Cada conversão conta.

Cada ato de caridade conta.

E precisamente porque a eternidade existe, **a nossa vida presente tem um peso infinito.**

9. A Anástasis também é um guia espiritual

A Anástasis não é apenas uma doutrina que devemos estudar.

É um mistério que devemos viver.

Há momentos na nossa vida em que tudo parece estar morto.

Uma família destruída.

Uma amizade perdida.



Uma vocação que parece ter fracassado.

Uma doença.

Um fracasso.

Uma queda moral.

Um longo período de aridez espiritual.

Uma pessoa que vive afastada de Deus há anos.

Nesses momentos podemos pensar que o sepulcro é o fim.

Mas a Anástasis proclama algo diferente:

Cristo sabe entrar nos lugares onde nós já não vemos nenhuma saída.

Ele desceu às profundezas.

Não existe, portanto, nenhuma escuridão humana na qual Cristo não possa entrar.

Isso não significa que Deus resolverá imediatamente todos os nossos problemas.

Significa algo muito mais profundo:

Nenhuma situação humana está fora do alcance da graça.

10. Quando caís, Cristo continua sendo aquele que te levanta

Talvez uma das aplicações pastorais mais importantes da Anástasis seja esta:

Muitos cristãos vivem constantemente esmagados pelo seu passado.

«Pequei demais.»

«Não posso mudar.»



«Deus nunca mais me perdoará.»

«Caí novamente.»

«Não sou digno.»

A resposta cristã não consiste em negar a gravidade do pecado.

O pecado é realmente grave.

Mas também não consiste em tornar o nosso pecado mais poderoso do que a misericórdia divina.

Cristo desceu à morte para vencê-la.

E vem também procurar o pecador.

Por isso existe o sacramento da Penitência.

Quando o sacerdote pronuncia a absolvição, não estamos diante de uma simples terapia psicológica nem de uma declaração simbólica de encorajamento.

Estamos diante da aplicação sacramental da misericórdia de Cristo.

O pecador que se arrepende pode levantar-se.

Pode voltar.

Pode recomeçar.

A última palavra não precisa necessariamente de ser a queda.

Pode ser a graça.

11. Adão e Eva: toda a humanidade precisa ser



levantada

Em muitas representações da Anástasis, Cristo toma Adão e Eva pela mão.

A imagem é extraordinariamente poderosa.

Ele não vem apenas para salvar indivíduos isolados.

Vem para restaurar a humanidade.

A Redenção possui uma dimensão universal.

Cristo é o novo Adão.

Maria aparece na economia da salvação como a nova Eva.

Onde o pecado introduziu a morte, Cristo traz a vida.

Onde havia desobediência, aparece a obediência.

Onde havia soberba, aparece a humildade.

Onde o homem queria alcançar Deus pelas suas próprias forças, Deus desce ao encontro do homem.

E este é talvez um dos grandes paradoxos do cristianismo:

Para elevar o homem até Deus, Deus escolheu primeiro descer às profundezas da nossa condição humana.

12. Uma catequese numa única imagem

A Anástasis demonstra também a enorme capacidade da tradição cristã de transmitir a doutrina através dos símbolos.

Uma pessoa pode contemplar a imagem durante alguns segundos e encontrar nela uma verdadeira síntese da fé:



Cristo está no centro.

É glorioso.

A morte está vencida.

As portas estão quebradas.

Satanás está derrotado.

Adão é levantado.

Eva é libertada.

Os justos aguardam o Redentor.

E Cristo permanece o único vencedor.

Não é decoração.

É teologia.

A iconografia cristã tradicional havia compreendido algo que o nosso tempo deveria redescobrir: **a arte sacra não tem como missão principal entreter nem simplesmente provocar uma emoção estética. Deve elevar o espírito para Deus e ensinar a fé.**

A Anástasis é um exemplo extraordinário desta função catequética.

A própria investigação iconográfica medieval identifica este tema como uma representação simbólica da Ressurreição centrada na vitória redentora de Cristo sobre a morte e na libertação de Adão e dos justos.

13. O que podemos fazer diante deste mistério?

A resposta não deve permanecer no nível da admiração intelectual.

Diante da Anástasis, podemos assumir cinco atitudes concretas.



Primeiro: recuperar o sentido do pecado.

Se Cristo morreu para destruir a morte, o pecado não pode ser considerado uma simples imperfeição psicológica.

Segundo: recuperar a esperança.

Nenhum cristão deveria viver como se a morte fosse o fim absoluto.

Terceiro: aproximar-se dos sacramentos.

Em particular da Confissão e da Eucaristia, nas quais Cristo continua a comunicar a sua graça à sua Igreja.

Quarto: rezar pelos defuntos.

A Igreja nunca se esqueceu daqueles que morreram. A oração pelas almas exprime precisamente a nossa fé na comunhão dos santos e na realidade eterna da salvação.

Quinto: viver preparados.

Não sabemos quando chegará a nossa hora.

A morte não deve conduzir-nos a uma existência angustiada, mas a uma vida vigilante, penitente e orientada para Deus.

Cristo desce para nos levantar

A Anástasis contém uma das imagens mais belas que o cristianismo ofereceu ao homem.

Cristo não permanece distante da nossa miséria.

Ele desce.

Desce até ao lugar dos mortos.

Entra nas profundezas.



Quebra as portas.

Derrota o inimigo.

E estende a mão.

Primeiro para Adão.

Depois para Eva.

E, de certo modo, para toda a humanidade.

Também para nós.

Por isso, a Anástasis não é apenas uma cena do passado.

É um convite dirigido a nós hoje.

Talvez também na tua vida exista algo que precisa de ser levantado.

Uma vida espiritual que arrefeceu.

Um pecado recorrente.

Uma velha ferida.

Uma esperança perdida.

Uma consciência pesada.

Uma relação com Deus quebrada.

Não olhes apenas para as tuas forças.

Olha para a mão de Cristo.

O mesmo Cristo que desceu às profundezas é aquele que continua a dizer ao homem:

«**Levanta-te.**»

A Ressurreição não é apenas a vitória de Cristo sobre a sua própria morte.



É a promessa da nossa própria ressurreição.

São Paulo resume isso em palavras que deveriam acompanhar toda a vida cristã:

«E, se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo Jesus dos mortos também dará vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós.»

(Romanos 8,11)

Assim, o cristão pode olhar para a morte sem desespero.

Pode chorar, porque a morte é realmente terrível.

Pode sofrer, porque a separação das pessoas que amamos dói.

Mas não deve desesperar.

Porque **Cristo entrou na morte e saiu vitorioso.**

As portas do Hades não puderam retê-lo.

O sepulcro não pôde retê-lo.

A morte não pôde vencê-lo.

E, desde então, cada cristão pode repetir com esperança as palavras da Igreja:

Cristo ressuscitou dos mortos; pela sua morte venceu a morte e aos que estavam nos sepulcros concedeu a vida.

Esta é a Anástasis.

Este é o coração da Páscoa.

E esta é também a nossa esperança.



Cristo desce para nos levantar. Cristo morre para destruir a nossa morte. Cristo ressuscita para nos dar a sua vida.

A última palavra da história não será o sepulcro.

Será **a Ressurreição**.